



UNICAMP

P16.14

EVENTO: Festival de Inverno de Campos do Jordão
VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO
DATA: 21 de junho de 1994
PÁGINA: 1ª
SEÇÃO: CADERNO 2



Starobin traz violão do século 20 ao Brasil

Músico que toca no Festival de Inverno defende contemporâneos contra a atual onda retrô

ENOR PAIANO

N uma decisão assumidamente arriscada, o Festival de Inverno de Campos do Jordão escolheu como tema deste ano a "música do século 20". O momento é propício, não só pelo inesperado sucesso que compositores contemporâneos como Gorécki — que confirmou sua vinda para o festival — alcançam no momento, mas também pela atualidade do debate sobre a pertinência da música contemporânea, com uma onda retrô que ameaça crescer cada vez mais na Europa (leia ao lado entrevista com o líder do grupo Hecklers, militantes contra a música moderna).

Dentro do panorama da modernidade, o violonista americano David Starobin é um intérprete único. Aos 42 anos, ele teve mais de 200 obras escritas especialmente para seu violão — e apenas por compositores modernos. No cenário novaiorquino, Starobin é sinônimo da "música do século 20". O violonista não poderia estar de fora do Festival de Inverno deste ano e dará um concerto dia 23 de julho em São Paulo, na Sala São Luiz, além de aulas para músicos. Em entrevista exclusiva ao *Caderno 2*, Starobin defendeu a música contemporânea e anunciou que seu concerto marcará a estréia mundial de *Sweet*, uma composição de 13 minutos escrita pelo maestro americano Gunther Schuller (que também virá ao festival).

Caderno 2 — Como você se interessou por música contemporânea?

Starobin — Eu era garoto, tinha apenas 13 anos. Já tocava desde os sete, e com essa idade participei de uma banda de rock. Fiquei fascinado pela energia, a massa sonora, a percussão, a bateria. Percebi que era a mesma coisa que Stravinski, Messiaen, Varèse, só que nestes compositores a energia aparecia de forma mais elaborada, complexa, profunda.

Caderno 2 — Como começaram a aparecer as primeiras composições feitas especialmente para você?

Starobin — Foi quando eu comecei a tocar só música contemporânea, por volta dos 14 anos. Eu tinha alguns amigos que estavam começando a compor, e pedi peças. Logo eu fiquei conhecido e não precisava pedir mais, ao mesmo tempo em que fui conhecendo compositores melhores. As pessoas descobriram que eu estava interessado em tocar música contemporânea e começaram a me mandar coisas. Nunca mais parou.

Caderno 2 — Destas coisas especiais, quais você gostaria de citar?

Starobin — No momento, as mais importantes para mim são as que eu escolhi tocar no Brasil. Primeiro uma composição de Elliott Carter, *Changes*, porque considero Carter o mais importante compositor americano de hoje. Em seguida *Sweet*, de Gunther Schuller, também um excelente compositor. Será a estréia mundial desta obra. Por último uma peça do meu irmão mais novo, Michael, chamada *Joshua Variations*.

Caderno 2 — Você acha que finalmente a música contemporânea está conquistando

AUTORES MODERNOS CRIARAM MAIS DE 200 PEÇAS PARA O VIOLÃO DE STAROBIN



David Starobin com o violão do século 19: peças de época do compositor italiano Giulio Regondi

público maior?

Starobin — O panorama da música contemporânea hoje é instigante. Alguns trabalham com culturas diferentes, outros com alta tecnologia, outros inspiram-se na música popular...

Caderno 2 — E o público está tomando conhecimento disso?

Starobin — Tudo o que não é familiar, que é mais desafiador, tem pouco público. A música contemporânea é mais difícil, mas as recompensas são maravilhosas. Um problema da atualidade é que grande parte do que se es-

creve é ruim. Como em todas as épocas, só o que é bom vai ficar.

Caderno 2 — O minimalismo parece ter rompido esta barreira do público.

Starobin — Eu luto contra o minimalismo. Ele me lembra o que há de ruim no rock and roll, a repetição e a chatice. Eu estou interessado em fazer com que o público ouça com cuidado, e o minimalismo tende a levar a uma espécie de transe, ou sono mesmo, que faz com que você desconecte o cérebro do ouvido. Eu estou interessado exata-

mente no contrário.

Caderno 2 — Recentemente você começou a tocar música do século 19 com instrumento de época. Esta é a única maneira de ver o repertório antigo?

Starobin — Eu não concordo com os radicais da interpretação de época. Eu toquei dez estudos do italiano Giulio Regondi num violão do início do século 19 — é menor, mas tem a mesma afinação — e a obra ficou muito melhor. Por isso eu adotei o instrumento. Vou tocar estes estudos no Brasil também.

VIOLONISTA DIZ QUE MINIMALISMO LEVA AO TRANSE E É CHATO COMO O ROCK

Inglês cria milícia contra modernidade

Em abril último, a seríssima Royal Opera House de Londres apresentava o que parecia ser mais uma morna montagem de *Gawain*, do compositor contemporâneo sir Harrison Birtwistle. Quando a cortina desceu, a surpresa: um grupo levantou e começou a berrear protestos como "terrível", "vergonha", além de vaiar estrepitosamente. O intento da brigada barulhenta explicase a partir de seu nome: os Hecklers, expressão que em inglês define o questionador impertinente. "Eu quero destruir a ditadura da crítica, que prega que a música contemporânea é o máximo", diz o compositor Frederick Stocken, de 26 anos, mentor dos Hecklers.

A atividade do grupo criou um pandemônio nos meios musicais britânicos. Stocken foi chamado de fascista para baixo, acusado de violentar o direito de expressão. Formado pelo prestigiado curso de música da Universidade de Cambridge, Stocken ficou conhecido no ano passado com o sucesso na Europa do seu CD *Lament for Bosnia*. Pelo telefone para o *Caderno 2*, Stocken defendeu-se do bombardeio de críticas e decretou: "O modernismo está morto".

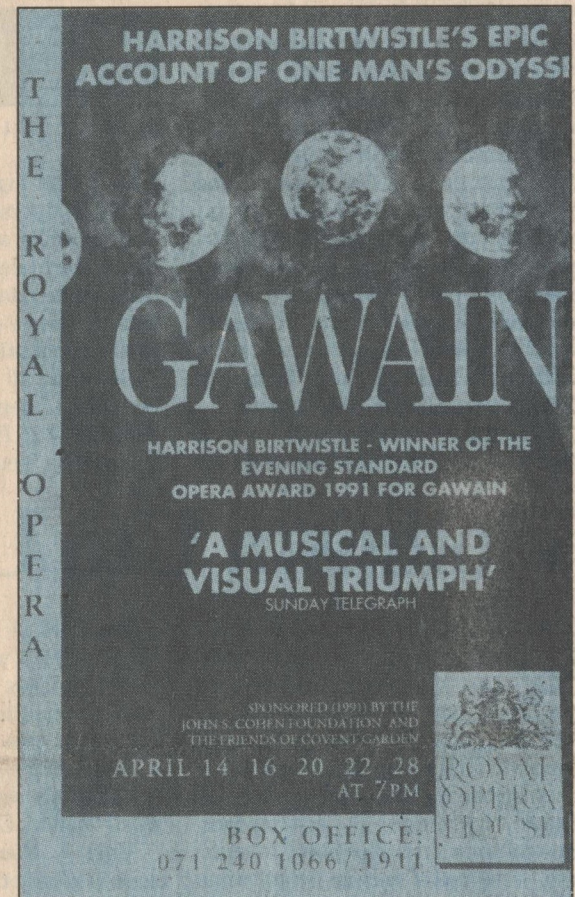
Caderno 2 — O que você tem contra a música contemporânea?

Frederick Stocken — No caso de *Gawain*, um monte de dinheiro do Estado foi gasto numa ópera que os músicos detestaram tocar, e, apesar dos ingressos reduzidos a menos da metade, o público ignorou. Eu tento dizer que a voz do povo deve ser ouvida: o modernismo está morto.

Caderno 2 — A defesa dos modernistas é que, como o grau de novidade da música é muito grande, é mais difícil para os ouvidos.

Stocken — Os quartetos de cordas de Beethoven demorou 10 ou 15 anos para ser reconhecido. O modernismo já tem 80 anos e ainda não entrou na nossa cultura. É muito tempo: é, por exemplo, o tempo entre a morte de Bach e a morte de Beethoven, quando muita coisa aconteceu na música. O fato é que a música moderna não faz parte da nossa cultura. Schoenberg domina todos os livros de música e foi sagrado cavaleiro pela Inglaterra, e eu vendi mais discos que ele.

Caderno 2 — O protesto organi-



'Gawain': Stocken diz que público ignorou

zado não é uma violência?

Stocken — Me acusaram de fascismo. O que acontece é que a crítica e a universidade não aceitam que se diga a verdade: o modernismo é uma manifestação musical bizarra, que não trouxe nada de novo nos últimos 40 anos. Na década de 40 Boulez já apontava o colapso da vanguarda na música, assim como outros mostraram nas outras artes. Eu não acusaria os críticos de fascistas, mas eles são contra o debate.

Caderno 2 — Os Hecklers vão continuar atacando?

Stocken — Sim. Ainda não temos nada marcado, mas eu tenho recebido apoio enorme, são dúzias de cartas todos os dias, de pessoas comuns. Nós estamos formando uma milícia pela melodia, e queremos criar bastante barulho. O Artists Council não pode continuar gastando milhões com música que não existe.

Caderno 2 — Como a crítica viu 'Lament for Bosnia'?

Stocken — As críticas foram vazias. Basicamente, me chamaram de fora-de-moda. 'Um novo Elgar' foi a tônica geral. Na verdade eu não quero ser mais um compositor com a vida desperdiçada no modernismo.